

Germinal!

Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redação: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual 10\$000

Semestral 6\$000

O jornalismo dos ladrões, assassinos e incendiários

« A Tribuna » de Santos e os trabalhadores

Fazendo jus à sua esmerada educação burguesa, os eminentes jornalistas d'« A Tribuna » arvoraram o pendão das reivindicações da exploração e do despotismo, arremetendo com furiosa loucura, contra a Federação Operária daquela localidade, embelezando com floreios literários de proenetas embriagadas, os seus ataques injustos, com o propósito de fulminar os componentes de tão valente instituição, forte como uma rocha em que se despedaçam e pulverizam todas as forças dos inimigos do proletariado.

O que, em compensação, veio alegrar os corações dos destemidos camaradas, é que « A Tribuna » fez pública uma boa nova, e ela é que, com a « simples » circular por eles distribuída na Europa, desfazem a obra de propaganda dos capitalistas e governantes brasileiros, na qual gastam anualmente milhares de contos, roubados ao povo, e inutilizam o prodigioso esforço dos que se dedicam a essa tarefa de valorização e expansão de produtos, e de remoção, para as fazendas, de enormes rebanhos de seres humanos, vendidos no mercado de escravos, chamado Hospedaria de Emigrantes.

Enraivecidos pela desassombração e enérgica acção da Federação Operária, procedida pela imprensa e pela palavra, insinuam que já devia estar em cinzas o edifício em que se reúnem os lutadores da causa proletária.

Modernos incendiários, não trepidam em instigar os fanáticos do patriotismo ao assassinato.

Que tigres!
Como às suas sinistras intenções não respondem os seus brios, porque são raquíticos e degenerados, pedem socorro às autoridades, para que estas os livrem do perigo operário.

Incapazes de enfrentarem a luta, contentam-se com gritar: — *aqui-dele!*
Covardes!

Em sua impotência de máquinas inúteis, e não podendo vingar os seus instintos, descarregam contra os brasileiros uma trovada de ditirambos, como se Santos não fosse uma cidade cosmopolita, onde os galgos — como são chamados todos os estrangeiros — constituem a imensa maioria da população, e os nacionais, ali residentes, não estivessem curados das enfermidades patrióticas e nacionalistas, pela obra altamente educativa disseminada pelos elementos da Federação Operária.

Podem dar o estrilo, podem subir ao auge do desespero, que o proletariado nacional não é mais esse proletariado jacobino e agressor; o proletariado é composto de homens conscientes que estão dispostos a lutar contra a exploração e a tirania patronal e autoritária, até que no Brasil seja uma realidade a Liberdade, a Igualdade e Fraternidade.

Contra a arcaica e deprimente concepção do patriotismo sabem opor a sublime concepção universal.

Segundo os plumíferos tribunícios é falso tudo quanto a circular da Federação afirma; não aduzem nenhuma razão, não fazem nenhum desmentido formal, considerando seguramente que basta a sua palavra de honra.

Mas, enquanto as afirmações da Federação não forem destruídas com provas, elas continuarão incólumes, servindo de sobre-aviso aos emigrantes, e de espelho onde se podem apreciar as liberdades políticas e económicas do povo brasileiro.

E é inútil que confundam o país com os seus exploradores e governantes, consi-

derando como brasileiros unicamente os que têm poder e fortuna.

O povo vai distinguindo perfeitamente a relação que há entre o solo natal e os privilégios de um capitalista ou um presidente da república com as suas respectivas instituições.

Se o elemento nacional é o que mais facilmente se deixa contaminar pelas teorias revolucionárias é porque goza de bom sentido e de inteligência clara para assimilar a ciência, a verdade e a justiça.

Se de alguma coisa tem de vanagloriar-se é a de conceber facilmente os modernos e elevados princípios de progresso e de civilização.

E irritaria a compenetração dos jornalistas que tão fogosamente se indignam, pateiam e gesticulam contra a Federação Operária, fazendo, para isso, estatísticas interessantes, com tanto conhecimento de causa, como se estivessem nos mundos da Lua.

Falam da vida administrativa dessa entidade e de centenas de contos, como se tratassem da Casa da Moeda.

Estas gratuitas referências nada afectam a Federação, porque todo o mundo sabe que o seu movimento económico é feito às claras, com conhecimento de todos os associados que se interessam pela vida dos sindicatos que a compõem.

Se ainda não apareceram as prometidas escolas, deve-se, em parte, a que as autoridades dificultaram esse nobre intuito, procedendo, como sempre, a assaltar os locais operários, destruir os seus móveis, incendiar os seus utensílios a atropelar, massacrar, prender e deportar os que mais faziam em prol da obra educativa.

Estes pobres de espírito, que, desde as colunas da « Tribuna », repetem graficamente os sentimentos dos acionistas da Companhia Docas, que há perto de 20 anos vem roubando 1.000 reis diários a cada um dos seus 1.000 trabalhadores do tráfico, pagando-lhes 5.000 reis diários em vez de 6.000, conforme determina o contrato feito com o Estado; estes automáticos que estampam no seu jornal as ideias dos chefes da Companhia União de Transportes, quatro boçais carregados de libras, e dos honrados e altos funcionários da Câmara Municipal, exploradores em grande escala, que em pouco tempo fizeram uma « varredura » no bolso dos contribuintes e dos consumidores, a ponto de provocarem o protesto, até dos proprietários, apresentam novas medidas, pedindo que os mandões brasileiros façam como os argentinos, isto é, que continuem a plagiar, visto a sua incapacidade de fazerem alguma coisa de mutuo proprio.

Mas na Argentina as repressões tiveram o valor de multiplicar as rebeldias proletárias, e dar moiores impulsos ao socialismo, anarquista.

De qualquer forma, a luta social tomará em Santos, como em todo o mundo, o incremento que lhe assinala a evolução, e esta não se retardará porque saiam a corti-lhe o passo os arrogantes e os estrilos dos anarquistas que pretendem ser directores espirituais das autoridades, e verdugos do povo.

Com repressões e campanhas provocadoras, baseadas no sofisma elevado a sistema, o que realmente fazem é trazer ao conhecimento do povo as boas intenções dos ricos, nas relações entre o Capital e o Trabalho, convencendo os explorados de que, dos patrões e das autoridades só podem esperar incendios, prisões e massacres, e, por tanto, ficam scientes da forma em que tem de proceder para defendêrem a sua vida e a sua liberdade. JOÃO CRISPIM

Os cães da politica

Pelos revelantes serviços a que são destinados os agentes policiais o público batizou-os com o nome *cães*.

Para a mesma ocupação os estadistas empregam verdadeiros cachorros de raça, escolhida com o mesmo fim, completando os elementos policiais, e fazendo-os aptos para o grande mister de profilaxia e moralização social.

Na politica, esto é, nos partidos políticos, sentiu-se a necessidade de certa pulimentação, de uma corporação policial, e esta pareceu...

Um estadista ingles, de pura massa burguesa, afirmou em pleno parlamento, que os socialistas são os melhores policiaes.

Esta afirmação não era uma novidade para os operários e especialmente para os anarquistas.

Em todos os movimentos operários eles officiaram ou trataram de officiar de directores, enforcando-se por fracassarem as greves e outros procedimentos da acção directa, para convencimento dos operários, que somente pela luta politica, colaborando com os partidos burgueses nas camaras legislativas, é que poderiam conquistar os seus direitos.

Quando a seu lado surgiram os trabalhadores conscientes, quando os anarquistas trataram de orientar as massas pela rota dos procedimentos revolucionarios, explicando ao povo que, a não ser com o seu esforço nada conseguiria, os socialistas politicos serviram gratuitamente de confidentes policiaes, acusando perante as autoridades os que não comunicaram com as suas ambições, fornecendo todas as dados para que a policia pudessem agir com facilidade nas suas repressões, livrando os socialistas desses elementos adversos, contrarios aos seus interesses.

Aqui no Brasil já se fez sentir essa brigada de confidentes, que constituiram o Partido Operario Brasileiro, do qual se destaca Antonio Augusto Pinto Machado, que ha pouco arranjou com a policia a prisão de varios camaradas, entre eles Cecilio Vilar Pedro Matera, membros de instituições que seguem a orientação da Confederação Operaria Brasileira.

Alem de Pinto Machado, destaca-se o dr. Demetrio Justo Seabra, um « vivo » que se naturalizou brasileiro para conseguir, com o voto dos operarios, uma posição folgada e rendosa nas altas esferas da representação municipal ou estadual, e, quem sabe, talvez sonhe com ser presidente da Republica.

Este politico policial, em conversa com varios companheiros de Santos, jactou-se de ter desviado o operariado de Sorocaba da « perigosa » tendencia da acção directa, e disselhes, com gesto de sabio e de mestre, que se em Santos o movimento não tivesse seguido a orientação revolucionaria e anarquica, não teria dado lugar ás deportações e outros procedimentos de repressão policial.

Se os operarios de Santos tivessem organizado um partido politico as coisas correriam ás mil maravilhas, e a estas horas, os que foram presos e deportados não estariam sofrendo as consequências dessa luta violenta.

Miseravel!

Até agora não se soube de uma só queixa dos que sofreram a repressão policial.

Conscientos do que faziam, estavam dispostos a arcar com todas as consequências da luta, e seguiram para o carcere e para o desterro altivamente, alegremente, satisfeitos por terem feito alguma coisa em prol do sublime ideal libertario, e continuaram com o mesmo ardente entusiasmo a lutar sem treguas, para a consecução final dos seus sonhos de liberdade.

Somente esse tipo repulente, que nada sofreu, é o unico a queixar-se.

Em Santos, se as classes da construção civil, os canteiros e macaqueiros conquistaram as 8 horas e o salario minimo; se os trabalhadores da estiva e os carroceiros conseguiram redução de horas, aumento de salario e outras melhoras; se os ensacadores e trabalhadores dos ternos impuseram aos patrões o aumento de salario e melhores condições de trabalho, foi a muque, foi lutando a braço partido. Foi seguindo a orientação revolucionaria e anarquista que a Federação Operaria de Santos se tornou uma entidade de potencia e de combate que teve em suas mãos, mais de uma vez, a vida economica importante do país, comoveu as instituições da Republica, e sob a sua pressão tiveram de unir-se os mais descontentados poderes e partidos burgueses, para sustentarem a defesa do capitalismo.

E' significativo que o proletariado de uma pequena cidade como Santos, tenha a capacidade de influir sensivelmente na constituição economica e politica de uma grande nação como o Brasil, e só para defender em-se de um punhado de homens que compoem aquela federação, tenham os governantes modificado a lei de expulsão.

A orientação libertaria que predominou no movimento operario de Santos foi quem conquistou, para essa cidade o glorioso nome de « a Barcelona brasileira ».

Se o operariado santista tivesse lutado no terreno politico legalitario, em vez das melhoras materiais, intellectuais e morais que hoje goza, teria, quando muito, tirado de alguma repartição pública um tiranete burgues e colocado em seu lugar um tiranete operario, um polichinel secreto.

Alerta! camaradas, com a propaganda do chamado « Partido Operario » e dos cães politicos, que respondem ao chamado de Antonio Augusto Pinto Machado e Demetrio Justo Seabra. GRACO

Adolfo Anta

Sem alegação alguma, sem motivo algum que justifique, ao menos em apparencia, a detenção do camarada Adolfo Anta, este continúa, ha cerca de tres meses nos ergastulos da Capital Federal, sem saber-se o que é que, finalmente, a policia fará desta vitima da fobia patronal e policial.

A' campanha contra a carestia da vida e a lei de expulsão deve agregar-se a exigencia da liberdade dos presos por questões sociais, pois não pode ser que os verdadeiros lutadores da causa dos opprimidos se definham no fundo das prisões, sem o protesto popular.

O BELO GESTO

« Enquanto subsistir a ideia não poderão ser exterminados os anarquistas ».

Só, entre a multidão adversa e fileiras de soldados armados com todos os poderosos petrechos de guerra, desde o canhão a bomba de dinamite, empunhando um revolver de pequeno calibre, Rafael abre brecha por entre o compacto rebanho de lacaios, e, frente altiva, modalidade rápida e resoluta, ergue com arrogancia o seu braço, deflindo o mundo burguez, dirige sobre a esquelética figura que representa a monarquia espanhola, o cano da sua arma...

O alvo não é atingido, mas o acto tem o mesmo valor. As balas saíram do revolver; se não chegaram ao destino previsto, culpa não foi do atirador.

O que são ao lado deste valente os heróis com que os patriotas ornaram as paginas da historia?

Que triste figura não fariam Prin e Na poléon Bonaparte ao lado desse operario?

Uma coisa é pelejar, comandando grandes exercitos e outra é enfrentar, sosinho, os exercitos, como o fizeram o carpinteiro Rafael Sanchez, Caserio, Bresci, e tantos outros, que figuram na galeria libertaria. Uma coisa é lutar disputando-se o poder ou afirman-

do o despotismo, e outra é lutar desintereessadamente pela liberdade.

Que ridiculos são os poetas que cantam as apoetas patrias, esquecendo os verdadeiros heróis, os verdadeiros libertadores!

Até as rimas resultam espalhafatosas e bombásticas exagerações de triste memoria dos que tiveram o privilegio de verem o seu nome louvado pelas gazetas e cantado pelos vates mendicantes de favores.

Depois de ter brandido a sua arma contra um inimigo milhares de vezes superior em numero, exclama, já desarmado, perante os seus algozes: — Enquanto subsistir a ideia não poderão ser exterminados os anarquistas ».

Eis o belo gesto.

FLORENTINO DE CARVALHO

Revolta Popular contra a carestia da vida e a lei de expulsão.

Em todas as cidades do país, promovidas pelas sociedades operaria comitê de agitação e todos os elementos avançados, deverão realizar-se hoje grandes manifestações populares para protestar contra a carestia da vida e exigir a derrogação da famigerada lei de expulsão.

Estas manifestações revestirão um caracter de verdadeira comoção nacional, sob a qual a burguesia se verá obrigada a render-se ás reclamações, populares.

Serão realizados, nesta cidade, os seguintes comicios:

As 3 horas da tarde no cruzamento das ruas Mooca e João Antonio de Oliveira, de onde o povo seguirá, em columna, para o largo da concordia;

As 3 e 1/2 da tarde no largo da Concordia, de onde, juntamente com a columna da Mooca o povo dirigirá-se para o largo de S. Francisco;

As 3 e 1/2 da tarde nos cruzamentos das ruas da Graça e Tres Rios, de onde os manifestantes seguirão par o largo de S. Francisco;

As 3 horas da tarde no largo do Cambuci, seguindo depois o povo, em columna, para o largo de S. Francisco;

As 3 horas da tarde no cruzamento das ruas S. Antonio e 13 de Maio, de onde os eoncorrentes se dirigirão para o largo de S. Francisco;

As 4 horas da tarde, uma vez reunidas as columnas que virão dos diversos bairros, realizar-se ha o

Comicio monstro

no largo de S. Francisco, onde falarão os delegados das entidades organizadoras e outros oradores populares.

Povo de S. Paulo! E' preciso que a tua presença nesta manifestação afirme de uma vez para sempre os direitos, e liberdades que por natureza e por conquista dos lutadores passados e contemporaneos te pertencem.

A dignidade exige que ninguém falte a esta manifestação de soberania popular.

Sessão de propaganda

O grupo de camaradas que tomou a si o encargo de organizar o espetáculo de propaganda que, em beneficio desta folha; se realizará no dia 30 do corrente, ás 8 horas da noite no salão Celso Garcia está ultimando os preparativos para que tenha um verdadeiro successo.

Na secção italiana vai publicado o excelente programa.

AVISO AOS CAMARADAS DE SANTOS

Os camaradas que ainda não pagaram a assinatura, ou que tenham a tratar algum assunto referente a esta folha, podem entender-se com o camarada Enrique Mendes, rua Amador Bueno, 249.

O proximo numero desta folha sairá no dia 1.º de Maio, em maior formato.

Noticias Alheias

A' imprensa livre da Europa e aos emigrantes

O cemiterio dos trabalhadores - 16.000 operarios mortos!

Já ha muito tempo sabiamos, por informações de operarios recém-chegados de Mato Grosso, que era horrivelmente enorme a mortandade dos trabalhadores empregados na construção da linha do Mato Grosso ao Amazonas, mas nem por isso deixamos de receber com estremecimento a seguinte noticia:

ROMA—O «Seculo» e o «Corriere del la Sera» publicam uma longa circular do ministério do Exterior, dirigida ás prefeituras do reino, assignalando que morreram dezeseis mil operarios nos trabalhos de construção da estrada de ferro de Mato Grosso ao Amazonas, executada por uma empresa norte-americana, a qual vae encetar a construção do novo tronco de Madeira-Mamoré.

A circular, que os dois jornais de Milão publicam na integra, põe de sobre aviso os trabalhadores contra os aliciadores de emigrantes enviados á Italia pela empresa yankee, constructora da estrada.

Esta infáusta nova publicada pelo «Estado de S. Paulo» e por quasi toda a imprensa local, vem a corroborar as espantosas afirmações dos trabalhadores que, depois de mil tentativas e peripecias, conseguiram fugir daquele cemiterio de emigrantes nacionais e estrangeiros, onde, aos milhares, são assassinados á força de perigosos trabalhos, de maus tratos e privações.

Ninguém se indigna, ninguém protesta contra essa monstruosidade?

Já desapareceram do povo todos os sentimentos de justiça e de humanidade?

Continuam os assassinos a decepar impunemente milhares de preciosas vidas e a cobrir de luto, de sangue e de lagrimas as familias dos que para ali foram em procura do pão?

A COMPANHIA DOCAS E O SEU PESSOAL

Uma reclamação

A' nossa redacção, veio hontem o sr. João Rodrigues, ex-trabalhador da Companhia Docas, que nos narrou o seguinte:

Despedido do serviço da famosa empresa no dia 13 do corrente, sem saber por que, procurou hontem receber o dinheiro que diz lhe ficarem devendo, uns 158 mil e 500 réis, com que contava attender ás necessidades mais urgentes da sua familia. Dirigiu-se ao chefe do transporte da Companhia Docas. Pediu a esse funcionario que o admittisse ao trabalho ou que lhe pagassem o que a Companhia lhe deve.

O chefe do transporte, perguntou-lhe, diz ainda o sr. Rodrigues, ha quanto tempo estava elle á espera de seu dinheiro.

—Ha quinze dias—respondeu o sr. Rodrigues.

—Está bem; então espere mais 6 meses ou no dia de S. Nunca.

(D'O Dia de Santos)

Com dizer que esta empresa chegou a negar o pagamento dos salarios a 3 ou 4 mil trabalhadores ao seu serviço, mandando a cavalaria carregar sobre os que se apresentavam a pedir os seus vencimentos, é facil conhecer o quilate de extorsão e escravatura com que está acostumada a tratá-los.

VICTIMA DAS FAZENDAS

ITU 23—No dia 23 do corrente o colono italiano Pasquale Marengolo, um velho que ha muitos anos trabalha na fazenda Pirai, pediu ao fazendeiro que protilasse por um dia a colheita do arroz, porque sentia-se mal de saúde.

O fazendeiro começou a insultar o pobre velho, obrigando-o a começar o trabalho imediatamente.

Marengolo fez notar ao patrão que não havia feito mal algum para ser insultado daquele modo.

Não terminou de falar quando o filho do fazendeiro esbofetou o velho; Camargo por sua parte pegou numa bengala e espancou o pobre colono, que recebeu varios ferimentos, dos quais um na fronte que é muito grave.

A população está indignada por causa deste grave facto, o qual vem a demonstrar uma vez mais, como certos fazendeiros consideram os pobres colonos como verdadeiros escravos; espancam-os, assassinam-os, sequeiros de que a justiça não os incomoda.

(Dos jornais)

D'O «BAURÚ»
(E. de S. Paulo)

OS DEPORTADOS

Baurú acha-se invadido por uma enorme quantidade de homens e mulheres que, esportados pela policia da Capital, para a Noroeste, da melhor forma possível regressam a esta cidade e, faltando-lhes por completo todo e qualquer recurso para regressarem a sua procedencia estabelecem suas residencias nas ruas e nos predios em construção, fazendo deste pobre Baurú o teatro das suas exhibições de miseria, de pouca vergonha e de embriaguez.

Todos os dias, desde manhã até a noite, de porta em porta apparecem pobres velhos estrangeiros e nacionais, pedindo uma esmola para poderem regressar a S. Paulo ou Santos.

No dia 25, dois generosos passageiros da Noroeste, encontraram na estação Presidente Alves, dois velhos, um italiano e outro brasileiro, quasi succumbindo a fome; condidos com tão infeliz sorte os dois cidadãos socorreram os desgraçados e pagaram-lhes as passagens até Baurú.

Quasi diariamente da linha Noroeste chegam noticias de que grupos de vagabundos deportados assaltam as casas das turmas de conserva afim de saciarem a fome.

No Estado de Mato Grosso, a força federal destacada em Tres Lagoas, não admite a entrada destes deportados e elles, abandonados pela policia de S. Paulo ficam pela linha, pelos distritos e pelas povoações, vivendo miseravelmente, de esmolas ou de roubos.

Isto é por enquanto; mais tarde seremos obrigados a publicar factos mais graves, provenientes deste povoamento correcional.

Entre as massas

Algumas iniciativas tem sido bem acolhidas entre o elemento libertario, como por exemplo, a publicação desta folha, mas, nem estas iniciativas chegaram ao desenvolvimento necessario, para preenchêrem a sua obra, nem representam o esforço da maioria dos anarquistas do Brasil.

As nossas aspirações vão mais longe, e as nossas forças são capazes de maiores empreendimentos.

Para impulsionar com eficacia a monumental tarefa da transformação social temos que penetrar entre as massas trabalhadoras, as quais sentem vibrar as suas fibras em ansias de reivindicação, mas, em sua maioria, só nos odiam por têrem, a propósito de nós e dos nossos ideais, as vagas e tergiversadas noções, que lhes forneceram os mentores burgueses, que se interessam em confundirnos com os inimigos da vida humana. Outra cousa seria se estivéssemos em contacto com a multidão proletaria.

Os nossos principios não seriam tão ignorados e as calunias feitas pelos nossos inimigos seriam desprezadas e ridicularizadas pela consciencia popular, tornando cada vez mais simpática a nossa redentora causa.

E' por tanto, necessario, para multiplicar e intensificar as iniciativas, sugerir a união, a acção colectiva, posto que um individuo pouco pode fazer isoladamente, embora tenha boa vontade.

Mas, se os camaradas, mesmo em limitado numero, se unirem, para melhor dar vida a propaganda, podem realizar uma

obra colossal, principalmente neste momento em que estão surgindo p-stores de um socialismo amarelo, e por isso mesmo traidor emancipação humana.

Concorrer ás reuniões, formar parte das sociedades operarias, propagar com a palavra, com a pena, com o jornal ou livro, os nossos principios; explicar as absurdas e interesseiras afirmações dos ambiciosos politiquinhos, tal é a acção immediata que destruirá a sua pérfida propaganda.

E' imprescindível que esta campanha se estenda por todo o país, e a ela devem aderir todos os amantes da liberdade.

Unamo-nos companheiros, e fundemos grupos, centros de estudos sociais em todas as localidades. Não importa o numero. Se nas grandes cidades ha mais camaradas também ha mais inimigos.

Tanto nas capitais como nas vilas muito se pode fazer, o essencial está em iniciarmos o combate.

F.

Glorias do militarismo

Vandalismo dos defensores da burguesia - As garantias do povo trabalhador na propria Capital Federal

«Parece que a nova cidade que está sendo construída entre Rio das Pedras e Deodoro, e pomposamente denominada Vila Proletaria Marechal Hermes, está fadada a ser o local de graves ocorrências, de conflitos constantes, atendendo aos casos contínuos que se têm dado já, quando ainda está em embrião essa Vila.

Trabalham ali, nessas obras grandiosas, innumerados operarios, de varias categorias e varios officios, no mourejar constante da vida quotidiana.

A maioria desses operarios reside nas vizinhanças da Vila. Moram uns em Deodoro, outros no Rio das Pedras, outros em Madureira e em D. Clara até, sendo que suas esposas, suas companheiras de vida, vão até a Vila levar-lhes o almoço, em pequenas marmittas de folha de Flandres.

Na manhã de sábado, quando os operarios estavam entregues ao seu labor, aproximando-se a hora do almoço, varias mulheres foram levar a seus esposos e amantes a refeição matinal, caminhando para a Vila Proletaria.

Alguns soldados, de calças garance, servidores do Exército, e que aquartelados estão na Vila Militar, em Deodoro, costumam perambular pela Vila Proletaria, como se os trabalhos ali em andamento os interessassem.

De instinctos maldosos, ante-hontem, combinaram um plano audacioso, que consistia em cercar as mulheres que se dirigissem para a Vila proletaria e obrigá-las a actos vergonhosos.

O que se passou, nessa manhã de sol, em pleno matagal, longe das vistas dos operarios, é indescritivel.

Livres da audacia dos soldados, as que incolumes chegaram à Vila Proletaria, ainda transidas de susto, apressaram-se em relatar a seus esposos o que acabava de lhes succeder.

Foi então combinada entre os operarios uma «revanche», para castigar a infâmia dos soldados.

Hontem, á tarde, um grupo de cerca 200 operarios, em attitude agressiva, foi até ás immedições do quartel de artilharia, em Deodoro, resolvidos a infligir á soldadesca o merecido castigo.

O caso foi então comunicado á policia do 23.º distrito, que fez seguir para o local uma força de dez praças, de armas embaladas.

O conflicto estava imminente, prestes romperia fogo, de parte a parte talvez, quando o commissario Renato Lopez chegou ao grido dos operarios:

Um dos operarios, mais resolutivo, empunhava a pistola para fazer fogo, mas, uma rija paulada desarmou-o, indo ainda o cacetete alcançar o braço da preta Maria da Conceição, amasia do operario Antonio Silva, ficando com o ante-braço esquerdo fraturado, além de varias outras equimoses pelo corpo.

O operario Leonardo Tomás também ficou ferido.

Com grande trabalho, a policia do 23.º distrito logrou evitar um grande conflicto, restabelecendo a ordem em Deodoro.

Os operarios da Vila Proletaria debandaram, sendo Maria da Conceição e Leonardo Tomás medicados pela Assistencia Municipal.

«Gazeta de Noticias», 7-4-1913.

Nem podem ser outros os resultados da educação e da vida quarteleira.

E não está aí somente o origem do mal, ela reside nas escolas officias ou particulares que ensinam os dogmas nacionalista e patriótico, ao par da instrução militar, os visos do uniforme e o tinir das armas.

Venham agora os demagogos da sociedade presente a falar-nos de patria, de bandeira e de familia, e veja o povo se temos ou não, carreadas de razões para combater todos os prejuizos, todas as instituições da sociedade presente.

Cartas de Lisboa

Os trabalhadores expulsos do Brasil - Propaganda anti-emigratoria - Boicote aos produtos brasileiros.

Devem estar, desafogados e satisfeitos os conspícuos reis do capitalismo, os chefes das edilidades santistas e paulistas, e os mandões supremos da República não devem caber em si de contentamento, por têrem realizado os seus sonhos de governança: a santa aliança com os negreiros das fazendas cafeeiras.

O sacrificio de varios trabalhadores vale bem uma entente coadale nas altas esferas da politica. Aqueles, os empleos conselheiros que, mais monárquicos do que Pedro II, dele se vingaram aderindo á causa republicana, por ter o governo imperial, forçado pelas circunstancias, abolido a escravidão, e hoje tratam de vingar-se da República, aventando a proclamação da monarchia, porque o regimen democratico não se identifica com as suas veleidades, vingaram-se alegremente da nossa luta emancipadora, exportando-nos para o velho mundo.

Nem somente o café havia de ser o principal género de tão rico país?

Agora é também um forte exportador de anarquistas.

Os camaradas Miguel Garrido, Primitivo Lopez e outros que d'af vieram deportados, dirigiram-se a varias localidades da Espanha, dispostos a fomentarem uma grande propaganda anti-emigratoria.

Dadas as qualidades de capacidade e energia dos valentes camaradas é de esperar que os trabalhadores que pretendem emigrar, prefiram ir ao polo Norte antes que para o Brasil.

As conferencias do camarada Antonio Vieites caíram, tanto aqui como na Espanha, como o fogo na pólvora.

Toda a gente tem as suas ideias do que podem ser os fazendeiros dessa terra, acostumados a martirizar os escravos, que muito recentemente conseguiram libertar-se.

Os produtos brasileiros, especialmente o café, estão sofrendo um rigoroso boicote.

Nas principais cidades da peninsula Ibérica e muitas outras da França e da Italia, os estabelecimentos que expendem café brasileiro, são cuidadosamente evitados pelo elemento trabalhador e liberal.

As circulares da Federação Operaria Brasileira, e da Federação Operaria de Santos, tiveram aqui épica repercussão. Um pouco mais de actividade, como a sustentada até agora e a lei de expulsão não tardará em cair.

E' possível que os estadistas brasileiros acreditem que a nossa campanha não afectará sensivelmente a vida economica da burguesia, mas ninguém ignora o descabro sofrido pelos capitalistas argentinos com a criação de leis sceleradas como a de Residencia e de Defesa Social.

E é preciso notar-se que a propaganda antiemigratoria feita pelos trabalhadores argentinos, não teve maiores resultados, porque não foi iniciada com a energia desenvolvida pelo proletariado do Brasil, e porque a vida agricola dos dois países difere notavelmente.

Na Argentina as terras estão vendidas ou alugadas a uma multidão de pequenos exploradores que carecem de influencia e de capital para predominarem sobre as autoridades.

São simplesmente «chacareros» quasi trabalhadores, e por tanto, pouco temíveis, a quem os branceiros impõe com relativa facilidade as condições de trabalho.

No Brasil, ao contrario, as fazendas são outros tantos estados onde os grandes proprietarios, fazendeiros, têm instalados os seus tronos de régulos em miniatura.

Lisboa, 20-3-1913

Primitivo Soares

Crisol de critica

Luta pelo sufragio universal

Os socialistas belgas conseguiram finalmente realizar grève geral para conquistarem o sufragio universal.

Grandiosa conquista a de ter o direito de colocar numa caixa um pedaço de papel e de aplaudir o algoz socialista, que desde as banc das parlamentares mandará massacrar os seus eleitores.

Republicanos e socialistas em favor da monarchia espanhola

Um telegrama de Madrid diz que o governo mostra-se satisfeitissimo com a opinião dos jornais socialistas, e republicanos, que, noticiando alentado contra o rei, o reprovam com toda a sinceridade.

Certamente devem ser muito sinceros para com o rei, o que não impede que amanhã continuem, nas assembleas e comícios, iludindo os trabalhadores com pomposos discursos contra o regime monarchico.

São vivazes os politiquinhos republicanos e socialistas; sabem estar bem com todo o mundo.

Mais dinheiro para o crime e menos pão para a boca

O orçamento do exercicio ingles para o exercicio 1913-1914 eleva-se a 28,220.000

libras esterlinas ou seja um aumento de 300.000 libras sobre o precedente exercicio. O orçamento compreende 234.000 libras para a aviação ou seja um aumento de 1 milhão e 25.000 francos.

Um milhão e 25 mil francos com que o governo contará c'emails, para oprimir o povo, e as familias pobres contarão de menos para, comprar pão para o seu sustento.

Assim o requer o patriotismo...

LUTA SOCIAL

Grève dos motoristas do Rio - Graves acusações - A sabotagem em acção.

A classe dos motorneiros da Capital Federal, envolvida como todas as outras na destruidora engrenagem social presente, sofrendo mais directamente o despotismo das autoridades, apesar das profundas deficiencias, que padece a sociedade a que estão afeiçados, viram-se obrigados a declarar batalha contra os «governos do povo», contra os poderes constituídos, fazendo graves acusações á policia, que são entre outras, as seguintes:

Só em uma viagem que um motorista fez a Tijuca, foi multado seis vezes por excesso de velocidade, tendo liguado nos autos das multas as mesmas testemunhas;

No dia em que a grève foi declarada a policia apreendeu mais de 200 licenças na Avenida Central;

As multas são impostas a torto e a direito, com especialidade aos motoristas que fumam nos carros, e que o delegado Paulo Pessoa espancou, por prurido de autoridade; um chafeur que se achava na Avenida.

A multa é um meio facil e legal de assaltar, na via pública, o cidadão que não gosa a regalia de uma elevada posição social. Como os operarios veem os poderes constituídos servem para isso, para exercerem extorsões de toda ordem contra o povo trabalhador.

Felizmente os camaradas chafeurs, convencidos de que as grèves não se ganham com pacifismos ridiculos nem competitorios humilantes, deram ao movimento o seu verdadeiro caracter, applicando a sabotagem aos traidores que vilmente se prestam a auxiliar as violencias da policia.

O traidor José de Oliveira já sofreu as consequências da sua traição, tendo recebido, á pat, o respectivo pagamento do seu trabalho...

Continuem os companheiros chafeurs a manterem-se em constante attitudo de rebeldia, orientem a sua sociedade de classe pelo terreno verdadeiramente revolucionario e libertario, sustentem uma agitação latente, e verão como as autoridades tomarão juizo e os tratarão com mais respeito.

Na luta não se pode andar com mais tintas.

BALANCETE

Entradas

Cobrança liquida de varias localidades	273300
Venda avulsa de 2 numeros	308000
Recebidos de:	
BARBACENA, Gios. Vigg.	58000
SÃO PEDRO, Luiz Romá	108000
CAMPO LARGO, Gm. Zanoni	108000
SOROCABA, por meio de cheque	58000
VILA OLIMPIA, Ang. Pang.	95000
ALF. RODRIGUES, Pasc. Fed.	58000
RIBEIRÃO PRETO, Sebas. And.	108000
PETROPOLIS, A. Marrani	208000
RIBEIRÃO PRETO, Ant. Verone	208000
S. PAULO, João Felip.	58000
S. PAULO, Emil. Felip.	58000
S. PAULO, José Rodrig.	58000

Lista de F. de Paula:

F. de Paula	58000
Enrico Valent.	28000
Viceni Gargalhoni	18000
Attilio Betela	18000
Urbano Machado	18000
Antonio Dionisio	18000
Diniz Manro	18000
IGARAPAVA, Luigi Pom.	58500
Fort. Teds.	78500
Del Cecco Ang.	5800
Saldo da Adminis. da Barricada	28500
2. ex. do livro Evolução e Revolução	38000
S. PAULO, Arcangelo Zona (todo 1913)	108000
BUTANTAM, Angelo Bistaffa (todo 1913)	108000

Saidas

Tipografia ns. 392-393	350800
Uma mesa e bancos	308000
Selos para expedição de dois numeros	208000
Carreto para mudança	48000
Registrado e correspondencia	28400
Despesas minudas	48200
Lapis, livros, goma e barbaente	48300
Bilhetes postais	28000
Em conta á redacção	608000
Deficit do n. 4	1408400
Total	6178300

Resumo

Saida	6178300
Entrada	4638300
Deficit	1540000

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

ABBONAMENTO PER IL BRASILE

AMMINISTRATORE: R. FELIPE

ABBONAMENTO PER IL BRASILE

Annuale 10\$000

Per tutto ciò che concerne il giornale, scrivere alla CASSELLA POSTALE, 134 — S. PAULO-BRASILE

Semestrale 6\$000

La massoneria e il movimento operaio

Diamo l'allarme in tempo. Come riflesso di un'azione identica svoltasi in Europa e specialmente in Francia, avremo, o forse abbiamo, anche qui un tentativo d'inquinazione — è il termine esatto — massonica nelle organizzazioni di resistenza proletaria.

Con questo non vogliamo dire che si cercherà l'adesione dei lavoratori a questa od a quella Loggia.

I ff. sono troppo pratici per arrivare a simili conclusioni. L'operaio non può essere massone per il semplice fatto che in lui non c'è la stoffa del buon contribuente.

Ma si cercherà invece ed abilmente di accalappiare quei dati individui che su gli operai hanno, o credono avere, una certa superiorità morale e direttiva materiale.

Avranno così le Loggie un'influenza diretta nel movimento sindacale e rivoluzionario, poiché i dirigenti di questo movimento, agiranno «illuminati» dal G. O. . .

Simpatica prospettiva! E' alla collaborazione di classe che il proletariato senza saperlo verrà trascinato e da tale collaborazione, è superfluo dirlo, egli non ha altro da aspettarsi che una serie di solennissime corbellature.

Vi sono molti che gridano a perdifiato perchè i preti cercano d'insinuarsi in mezzo ai lavoratori, organizzando leghe e protettori del lavoro. Ma per lo meno i preti hanno il merito di essere sinceri: organizzano dei nuclei alla luce del sole e li mettono sotto la protezione di questo o quel santo, e spesso affermano pubblicamente il colore giallo dei loro sindacati.

La massoneria invece agisce più gesuiticamente. Apparentemente finge disinteressarsi di un movimento che non ha niente a che fare con gli scopi umanitari della congrega, ma in realtà ci tiene a dirigere, dietro le quinte, un'agitazione che, trionfante, ridurrebbe a ben misere proporzioni il grande potere occulto della setta... «che ha fatto tutto».

E ci tiene, non per opporsi al c'ero nelle sue conquiste morali, ma per la garanzia e tutela degli interessi di tutto il grasso e grosso fratellame, interessi che possono a volte trovarsi in opposizione con quelli delle banche e dei capitalisti cattolici, ma che non ostante continuano ad essere gli interessi del capitalismo.

E questo qui più che altrove. In Francia la massoneria potrà rappresentare la difesa degli affari dei banchieri ebraici contro quello dei banchieri sanfedisti; potrà personificare la resistenza del nazionalismo repubblicano, contro le mene del nazionalismo imperiale e legittimista... Qui niente di ciò, almeno per adesso. Fino ad oggi i grandi e piccoli ladri della finanza hanno

sufficiente panno da tagliare per ricordarsi di Geova e di Cristo. Arriverà però il giorno in cui s'imporrà la concorrenza ed allora la divisione verrà fatale e con essa la guerriglia borsaiuola di tutti i giorni. Oggi no; è presto ancora. Oggi la massoneria accoglie tutti i capitalisti senza andare a mettere il naso nel segno della circoscisione, o sulle fedi di battesimo.

E perciò il suo intervento nel movimento operaio simbolizza più ampiamente la colossale truffa del capitale al lavoro.

Ricordino gli operai che se due volte gli addetti alle poste ed ai telegrafi, in Francia, perdettero il loro sciopero, il merito è tutto della Massoneria ed a lei appartiene la gloria della sconfitta dei ferrovieri.

Noi diamo il grido d'allarme forse avanti tempo. Però è bene stare sull'attenti. Pericolo previsto è pericolo scongiurato.

Battendo la solfa dell'anticlericalismo e predicando un socialismo che non si sa dove stia di casa, i sovversivi massonici hanno già dato fiato alle trombe.

La grande istituzione dei figli della vedova si è accorta oggi che anche qui vi sono operai che soffrono e che aspirano a migliorare le condizioni loro, ma, guarda caso! ha aspettato ad accorgersene che gli operai si dedicassero ad un attivo lavoro di organizzazione e di resistenza.

Tanto interessamento dell'ultima ora dà ragione ai più fondati sospetti.

E perciò gli schiavi dell'usura capitalista non devono mai dimenticare, checchè predichino gli anticlericali, che il padrone, creda o non creda in dio, vada o non vada alla messa, è sempre un padrone.

Il lavoratore non può essere «fratello» del padrone se non rinunciando alla propria redenzione.

*La pretesa della massoneria è azione di difesa borghese. Il buon accordo ch'essa pretende stabilire tra sfruttati e sfruttatori non ha altro scopo che quello di spuntare le unghie agli sfruttati.

La fratellanza ch'essa vuole raggiungere è quella del lupo e dell'agnello.

L'agnello di fatto diventa una stessa cosa col lupo, quando questo s'è divorato quello.

Noi diamo il grido d'allarme...

AUSONIO ACRATE.

I. L'alcool è un veleno.

II. L'alcoolismo cronico è l'avvelenamento prodotto dall'abuso dell'alcool, anche se non si raggiunga lo stato di ubbriachezza.

III. L'acquavite, la grappa, i liquori sono soluzioni concentrate di alcool: usandone abitualmente non potete sfuggire ai danni della intossicazione.

IV. Il vino e la birra, soluzioni diluite di alcool, debbono essere usate moderatamente e soltanto durante i pasti.

V. La quantità media giornaliera di vino, tollerata senza danno, non dovrebbe superare il mezzo litro.

VI. Chi saprà mantenersi astinente potrà essere orgoglioso di dare un esempio salutare a coloro che si mostrano intemperanti.

VII. Si può vivere benissimo e in perfetta salute senza bere neppure una goccia di vino.

VIII. L'eccitamento che vi procura l'alcool è effimero: passa ben presto lasciando una debolezza maggiore.

IX. Diffidate della vostra tolleranza a sopportare gli effetti del vino. In essa sta appunto il pericolo maggiore di una intossicazione cronica.

X. L'abuso dell'alcool predispone alla pazzia, alla tubercolosi, alla epilessia, alla criminalità, e conduce alla degradazione della dignità umana.

HANNO PAURA!

Circola da un paio di settimane insistente il sottovoce che il governo federale voglia in certa guisa ringoiarsi quel brutto rospo della legge di espulsione da esso governo fatta votare in un momento di tenerezza politica in omaggio ai fazendieri paulisti ed a quella compagnia di ladri, gestisce, tutta lo scalo delle merci nel porto di Santos. Già l'Epoca di Rio de Janeiro fece capire ch'era intenzione del governo richiamare gli espulsi, ed a convalidare l'opinione che qualche cosa di nuovo infatti si trova in gestazione c'è un immondo quotidiano della vicina Santos che sbratta a più non posso contro gli stranieri inventando le più amene storielle a carico della federazione operaia santista.

L'organo delle Docas e della polizia di quell'inquisitore in ritardo ch'è il famigerato Bias Bueno deve prevedere un allargamento di freni contrario agli interessi di coloro che alimentano il giornalismo senza lettori e perciò si affanna ad imputare agli operai tutta una serie di delitti e di truffe da far rizzare i capelli anche ai calvi.

In buoni termini si vuole creare una corrente ostile all'abrogazione della lei paulista...

Ci riusciranno?

Certamente per il sanfedista Stato di S. Paolo l'umiliazione sarebbe troppo grande... ma gli effetti di quella legge sono stati così disastrosi per il Brasile tutto che il ringioimento si rende indispensabile come una soddisfazione all'opinione universale, e come misura di abile politica per la difesa degli interessi economici del paese.

Intanto leggiamo sul «Corriere italiano» di Rio de Janeiro una notizia che potrebbe significare molte cose...

A dar retta al «Corriere» sembrerebbe che il Grande Oriente della Massoneria Brasiliana, con il consenso delle loggie locali voglia suscitare un movimento generale inteso a persuadere il governo a compiere il bel gesto.

Meglio tardi che mai!... esclamano coloro che con un senso di non legittimo stupore videro la massoneria tutta restare indifferente alla promulgazione di quella legge bestiale...

Ma per chi non ignora i rapporti che corrono tra il Ministero di Agricoltura ed il Grande Oriente, per chi sa che il Brasile ha la gioia di essere governato dal fior fiore dei figli della vedova... il giuochetto si manifesta ben chiaro.

La Massoneria si agita per ordine superiore e non per amore ai lavoratori e non per entusiasmi democratici.

E' un servizio ch'essa è chiamata a rendere... Tocca a lei nascondere ed orpelle la sconfitta del governo.

A noi preme però fin da oggi stabilire che se il governo arriverà all'abrogazione della «lei paulista» il merito non sarà affatto della Massoneria, sarà dei fanatici e degli scassificati che han saputo chiudere al Brasile ogni mercato delle braccia.

c. p.

Tu quoque?!!

Il «Correio da Manhã» a proposito di un lascito intorno al quale già si è fatto troppo chiasso, sente il bisogno irresistibile di alcune amare divagazioni sulla spilorceria e peggio dei signori della sua terra. Anzi avendoci posto le mani, crede bene di dovere estendere le sue considerazioni oltre ai limiti della carità. Accusati di calunnia-tori sistematici, noi ringraziamo il «Correio da Manhã» per il suo illuminato giudizio sulla gente per bene di cui, dopo tutto, è portavoce e difensore... e senz'altro aggiungere riproduciamo le sue sintetiche affermazioni, frutto innegabilmente, di un osservazione attenta e di un profondo conoscimento della storia patria.

«Nel Brasile, con eccezioni che si contano sulle dita, le grandi fortune sono conquistate disonestamente, coi loschi negozi col governo o per favori da questo concessi, quando non sono acquistate col furto, come una volta lo erano con la moneta falsa e con le lacrime dello schiavo.

«Perciò, i milionari brasiliani, generalmente, sono individui senza bontà, l'ele-vatezza morale, la fermezza di carattere che si acquistano col lavoro con lo studio, sane sorgenti della ricchezza.

«La essi non si nota entusiasmo per il bene e neppure desiderio di diminuire le sofferenze altrui. Non hanno la virtù della ricchezza. Sono sordidi, egoisti e stupideamente fastosi.

«E' perchè la fortuna non perveniva loro da origini legittime...

.... Quanto lo pagano gli argentini il Correio da Manhã perchè calunni così, queste brave persone che sono i milionari brasiliani?

A proposito di una conferenza

Io non so delle altre conferenze del signor Adolfo Vasquez Gomez; io ho pazientemente ascoltata la prima che doveva trattare dei moderni problemi sociali ed a quella solo posso riferirmi. Può darsi che in seguito il signor Vasquez abbia fatto miracoli, quella sera però non ne fece. Forse stanchezza per il lungo viaggio o forse dispetto per trovarsi al cospetto di un uditorio assai poco numeroso per quanto variopinto.

A me avevano detto che avevano sentito dire che il Vasquez fosse un'anarcheggiante... però a togliermi di capo una tale illusione bastò ch'io guardassi agli uomini raccolti sul palco come scorta d'onore al conferenziere. Se vi dicessi che la di lui presentazione venne fatta da quel quintale e mezzo di budellame che si chiama Raul Silva, G. S. G. della Massoneria di questo stato e celebre stregone speculante sull'imbecillità umana come una qualunque fattucchiera; voi capirete senza bisogno di altro che siamo al bis di un «sarragemento» alle tasche degli elementi liberali, in nome dei grandi principii umanitari e democratici della massoneria, «ama seca» dell'anticlericalismo quasi libertario.

Il sig. Vasquez non parla male però da buon socialista massonico ben poco dice. Egli sa strappare l'applauso con le solite invettive e destare il buon umore con le abituali barzellette sulla Santissima Trinità e simili buffonate cattoliche.

La sua conferenza su i moderni problemi sociali fu un zibaldone di ritagli storici, mal connessi. Nient'altro.

Ogni conclusione mancò ed era naturale che così fosse. L'oratore sapeva che tra i pochi intervenuti, sebbene tutta unita dal grande e nobile ideale dell'anticlericalismo che diverte i preti, v'era gente di diverso colore politico.

Egli dunque non volle dispiacere a nessuno ed ebbe una parola di lode per tutti. E' la tattica massonica alla quale si abbandonano con voluttà gli anarchici che fanno dell'anticlericalismo. Una tattica molto comoda la quale rende sim-

patici a mezzo mondo coloro che eroicamente ne fanno uso.

Or dunque io dico che se è vero che i redattori del settimanale la «Lanterna» sono anarchici hanno torto di scrivere: «esperamos o auxilio de todo os companheiros de boa vontade».

I compagni sono già stati scottati una volta con la «companheira» Sarraga e trascurano già anche troppo la propaganda anarchica perchè si possa trovare che sia una bella azione l'escogitare nuovi pretesti per loro farla trascurare di più in beneficio esclusivo di una causa che non è la nostra.

Salvo il caso che quelli della «Lanterna» abbiano inteso chiamare «companheiros» e Raul Silva, e il G. S. G., e i redattori del «Diario Espanhol» e della «Tribuna Espanhola».

Così essendo, vogliono accettare le nostre scuse e le voglia accettare anche il signor Vasquez strenuo difensore di «tutti» gli ideali moderni. Cosa vuole; noi siamo dei poveri uomini le cui forze e la cui intelligenza appena, appena, arrivano a difendere «un» ideale solo: quello dell'anarchia.

Il mestiere di re continua a farsi difficile e quei poveri uomini rappresentativi non sanno più a che santo votarsi per mantenere sul loro capo, in equilibrio, la corona.

Ieri l'altro rotolava in terra re Giorgio, mentre si gongolava per gli allargati confini del reame...

Ieri Alfonsito l'ha scampata bella. La madonna del Pilar ancora una volta ha voluto conservarlo all'adorazione dei suoi felici sudditi. Ma chi lo sa fino a quando la celestiale protezione sarà ausbergo sufficiente alle rivoltellate dell'impazienti... Potrà comparirne uno a cui la mano non trema e allora... ti saluto scapolare benedetto del papa. Meglio ritirarsi a vita privata, finché il tempo lo permette. Prenda l'esempio dal suo amico e parente Don Manuelito che fa il pretendente alla lontana ricordandosi della sorte toccata all'ottimo genitore. Non s'illuda con Romanones e le lustre liberali. A certe commedie oggi il popolaccio poco più ci crede.

Dia retta a noi, Alfonsito; accetti un consiglio proprio di amici.

Venga a coltivare il caffè nel Brasile se vuol morire tranquillamente di anchilostomia.

La paga non è molta, ma con l'aiuto della moglie qualche soldo si può sempre mettere da parte.

Venga qui e butti alle ortiche la corona. Questa pesa troppo e stilla sangue... Eppoi...

Non capitano tutti i giorni giovanotti a cui trema la mano.

Festa di Propaganda

Merccoledì, 30 Aprile alle ore 8 di sera nel Salone Celso Garcia, rua do Carmo, 39, avrà luogo una festa di propaganda nella quale verrà svolto il seguente

PROGRAMMA

PARTI I. — L'IDEALE, bozzetto sociale in un atto: versi di Pietro Gori.

PARTI II. — SANGUE FECONDO, dramma sociale in due atti.

PARTI III. — LA PICCOLA RIVOLUZIONARIA, monologo.

PARTI IV. — GRANDE KERMESSE.

PARTI V. — BALLO FAMILIARE.

N. B. — Gli iniziatori della festa contano sulla buona volontà dei compagni per la riuscita dell'amichevole trattenimento e obbedono il loro concorso perchè la Kermesse riesca ricca di doni.

Diffondete La Barricata



Verso l'anarchia

Povero salariato, povero lavoratore! La borghesia ha trovato modo di addomesticarti colla fame come si addomesticano le bestie feroci; e a dire che avete mescolato insieme il vostro sangue, che insieme avete fatta la Rivoluzione (1789) nel nome dei diritti dell'uomo, della libertà, dell'uguaglianza e della fratellanza!

Socialismo antico Socialismo moderno, sua base e suo scopo

Circa 2290 anni or sono Platone, e dopo di lui molti altri filosofi, quali Pitagora, Camapanella... idearono delle società in cui gli uomini vivendo nella comunanza dei beni e del lavoro, avrebbero risolto il problema della giustizia sociale.

Le loro teorie lasciarono il tempo trovato, per la semplice ragione che il progresso sociale e morale non era giunto al punto da consentire venissero discusse non che attuate.

Colla Rivoluzione Francese (1789) il progresso sociale preparò il terreno al socialismo moderno, che tosto si diffuse nelle masse e mirò costantemente alla prossima ed immediata realizzazione del grade ideale.

E' Babeuf il fondatore del socialismo moderno.

Scorgendo che la cagione principale dei malanni che da tanti secoli funestavano l'Umanità, stava nel diritto inviolabile di proprietà individuale, nuovamente sancito dalla classe borghese salita al potere colla Rivoluzione, (1789) Babeuf, alla rivoluzione contemporanea, predicò apertamente la proprietà comune e l'uguaglianza di beni, di fortuna che si voglia dire.

Manco a dire che il repubblicano governo borghese si affrettò a far ghigliottinare Babeuf ed i suoi epistoli; ma il seme del socialismo da lui gettato ed ed innaffiato col sangue, non tardò a germogliare nello spirito del popolo.

La proprietà comune della terra e degli strumenti del lavoro: ecco la base fondamentale del socialismo moderno.

Non si è socialista, se non si ammette come punto di partenza la proprietà comune della terra, comprese le case e gli strumenti di lavoro.

Scopo del socialismo è di garantire, a tutti gli uomini indistintamente, la massima libertà, la massima soddisfazione dei loro bisogni, il massimo benessere.

Collettivismo legalitario

Dopo Babeuf, varie furono le scuole socialiste che ne seguirono, e capitanate pressoché tutte da ingegni poderosi, quali ad esempio Saint-Simon, Fourier, Collins, Owen, Proudhon, Carlo Marx, Bakounine, Lassalle ed altri.

Di queste varie scuole due si affermarono universalmente ed ora più che mai si contendono il terreno.

Ad una, fanno parte i socialisti collettivisti legalitari, all'altra i socialisti comunisti anarchici.

Queste due scuole si sono delineate così bene, che ormai basta dire: Socialista per significare socialista collettivista legalitario; basta di dire Anarchico per significare socialista comunista anarchico.

Il collettivismo legalitario è il fuoco attorno a cui s'aggrarono, più o meno, le varie scuole dal 1835 con Collins al 1864.

I socialisti collettivisti legalitari vogliono:

1.° La proprietà comune della terra degli strumenti di lavoro; — 2.° La spartizione del prodotto del lavoro collettivo, ad ogni individuo a seconda del lavoro fatto; — 3.° Il governo depositario della proprietà comune ed amministratore di essa.

Scriveva Saint-Simon: Fino ad oggi, l'uomo ha sfruttato il suo simile: padroni e schiavi: patrizi e plebei: signori e servi: proletari e contadini: lavoratori e schiavi; ecco la storia progressiva dell'umanità sino ai nostri giorni; associazione universale, ecco il nostro avvenire. A ciascuno secondo la sua capacità e il suo lavoro, ecco il diritto nuovo che rimpiazzerà quello della nascita e della conquista. La proprietà, l'eredità, costituiscono dei privilegi che devono sparire. I capitali di ogni natura e gli strumenti di lavoro devono passare in mano del lavoratore.

Vediamo pertanto, nelle sue linee generali, quali sono le riforme che i socialisti collettivisti legalitari intendono d'introdurre nella società; quale il sistema d'organizzazione sociale che secondo gli stessi, dovrebbe sostituire il presente.

Abbattuti i presenti governi, dicono i socialisti collettivisti legalitari, si passerebbe alla immediata formazione del governo socialista; perciò il popolo, la gran massa dei lavoratori, penserebbe alla nomina dei suoi rappresentanti —

deputati che dovrebbero formare il nuovo governo, le nuove leggi.

Primo dovere che avrebbe il governo socialista, sarebbe di decretare immediatamente l'abolizione del diritto di proprietà in dividuale e proclamare la proprietà comune.

Colla proclamazione della proprietà comune, più nessuno potrebbe possedere, ad eccezione degli oggetti di necessità personale, quali sarebbero i mobili di casa, i vestiti, ecc. ecc.

Il governo diverrebbe l'unico depositario delle ricchezze tutte, cioè della terra, delle officine, delle macchine, delle strade ferrate, delle case di abitazione.

Il governo socialista essendo custode e, diciamo pure, padrone della proprietà comune, penserebbe lui a far funzionare gli opifici, a far coltivare i campi... organizzando squadre di lavoratori meccanici, agricoltori, ecc., precisamente come pratica il governo attuale nelle officine militari, negli arsenali marittimi, nelle fabbriche di carte valori, nelle ferrovie.

Ottenuta l'uguaglianza sociale per mezzo della proclamazione della proprietà comune, il governo socialista, oltre ai presenti operai disoccupati dovendo procurar lavoro a tutti i borghesi non solo, ma anche ai proletari che oggi esercitano una professione inutile, quali sono i milioni di soldati, doganieri, domestici, dovrebbe di molto ridurre la giornata di lavoro onde non produrre più del bisogno.

Supponiamo che la giornata di lavoro venisse ridotta a cinque ore.

Ogni operaio, fatta la sua giornata di lavoro, riceverebbe dalla direzione della squadra in cui sarebbe iscritto, un buono di lavoro che equivarrebbe in merce al lavoro fatto nelle cinque ore giornaliere.

Con questo buono di lavoro, o buono di scambio, che si voglia dire, egli, l'operaio potrebbe andare nei magazzini del governo, i quali sarebbero più o meno numerosi, più o meno grandi, a seconda della popolazione dei diversi comuni, e là comprirebbe quanto gli occorre.

(Continua)

E. MILANO

I comizi "sul caro-viveri"

I comizi si succedono sterili di risultati. Il popolo applaude agli oratori e se ne torna a casa, sicuro di aver fatto tutto il suo dovere.

Ed intanto i prezzi salgono e la Camera Municipale continua a demolire per mantenere in piedi la valorizzazione dei terreni, appartenenti ad amici e consanguinei e perchè la mancanza di case persuada i padroni ad accrescere gli affitti speculando sulla continua richiesta.

Noi ricordiamo che quando una crisi identica, allo stato acuto, travagliò il popolo di Francia, questo seppa imporre alcune misure che dettero un po' di respiro. Ma non si contentò di sbraitare nei comizi. Fece quello che qui si dovrebbe fare, ma che non si farà perchè a chi sta male manca la volontà di voler star meglio non badando ai rischi.

La vigliaccheria delle masse non arriva oltre gli applausi ai tribuni del popolo i quali si sbracciano e sfatano invano.

Per più di una settimana i quotidiani ed alla testa di essi il «Fanfulla» ci hanno rotto le scatole con i raffreddori di Sua Santità.

Il papa migliora, il papa peggiora; il papa fa, il papa non fa. E così di seguito dieci o dodici telegrammi al giorno, uno più curioso dell'altro. Io non so se vi sia al mondo ancora molta gente devota che s'interessa per la gotta e per i bronchi di Pio X... è certo però che quella benedetta costipazione papalina è venuta a proposito per far passare in seconda linea ed il grande sciopero belga e le agitazioni russe e gli scioperi di Spagna nonché la gloriosa ed entusiastica avanzata degli italiani in Tripolitania bella. Avevamo dunque torto noi quando assicuravamo che l'avventura libica non era affatto finita con la pace pagata cinquanta milioni dal governo del gran ciambellano di corte Giovanni Giolitti? Ed il bello è questo che si dà come certo, tra le fila dei combattenti arabi in Cirenaica, esservi ancora i regolari turchi. E questa circostanza di fatto dice

molte cose... ai piantatori di carote nazionalistiche. Però l'Italia monta la guardia nell'Egeo per conto dei turchi ed è sempre una gran bella soddisfazione quella di fare il piantone alla proprietà dei vinti.

Intanto in patria la vita per i lavoratori si fa più penosa ed i benefici della guerra vengono espiati amaramente da tutta la nazione. E se si pensa che ancora non sono sfumati i pericoli di una conflagrazione europea, la quale impone all'ancella dell'Austria e della Germania un piede d'arma assai salato, brutti pronostici si possono supporre per il domani. Brutti o forse belli.

1° MAGGIO

Pubblicheremo per il prossimo 1° Maggio un numero di grande formato.

Coloro che ne volessero copie per distribuire devono darcene avviso onde regolarci per la tiratura.

Pacchi 100 copie 10\$000

> 50 > 5\$000

> 25 > 2\$000

Le ordinazioni devono essere accompagnate dal relativo importo.

La rubrica degli operai

Incoscienza proletaria

SCIOPERI A SCADENZA FISSA — UNO DEI TANTI CASI CHE CAPITANO AGLI ANARCHICI — AGLI OPERAI DELLA FABBRICA DI MOBILI, ZUCCO E COMP.

Fra le tante cose originali in questo paese e tra gli operai che qui lavorano, hanno lo sciopero a scadenza fissa come le cambiali: un frutto che matura una volta all'anno... e precisamente del mese di maggio; cioè comincia a maturarsi in aprile e la raccolta dura fino al mese di giugno; per lo più, raccolta di sconfitte!

Ciò è dovuto al fatto che qui non ha mai attecchito una solida organizzazione di classe — unica fautrice di scioperi — che attirando a sé i lavoratori, ne facesse degli uomini veramente coscienti dei propri diritti; del diritto al rispetto della propria individualità; del diritto alla vita!

E' la causa di ciò vanno ricercate;

1.° Nella completa assenza della grande industria; fattore principale delle organizzazioni economiche. Mancanza assoluta di stabilità degli operai stranieri, (gli unici che formarono, fin qui, il piccolo proletariato) i quali in questo paese che non offre loro, se non disprezzo e persecuzioni, senza garanzia di salario, sono considerati ancora come una proprietà dei signorotti schiavisti che infelicitano questo *benidito e sagrado lorraio*.

2.° Nella lamentevole mancanza (dicimolo frammento di organizzatori idonei, capaci di entusiasmare con eloquenza e audacia la massa lavoratrice per attirarla nella organizzazione di classe insegnandole la via delle rivendicazioni per l'eguaglianza dei diritti all'esistenza!

Tutto questo è mancato e mancherà ancora per un pezzo. Perciò la massa incosciente che cammina a tentoni, si ricorda che esiste anch'essa, per reclamare qualche cosa, solo nel mese di maggio il quale (curiosa coincidenza!) è il mese che in Italia raggiano i somari...

Con questo non voglio dire che tutti gli scioperi portati ad effetto qui nel mese di maggio, siano inconsulti. No!

Vi sono scioperi, come quello che i coloni proclamarono nel prossimo mese, e ch'è umanamente giustificato, meritando tutto l'appoggio degli uomini retti.

Gli incoscienti però, si illudono che gli scioperi nel mese di maggio, malgrado mancano di preparazione e di basi, si debbano vincere lo stesso, solo perchè (secondo essi) è il mese apertore di spavento per i capitalisti, e non si curano di sapere che lo sciopero (quello parziale, incosciente e pacifico) è un arma che, almeno, sette volte su dieci, ferisce quegli stessi che la impugnano!

Se io dovessi fare la storia di tutti gli scioperi ai quali mi trovai in mezzo, essa sarebbe lunga e per lo più pietosa...

COLLA MASSIMA SINCERITA' — mio unico patrimonio e del quale vado orgoglioso dinanzi a tutti, e specialmente dinanzi ai vigliacchi che a mia insaputa si servirono del mio povero nome per loro comodo paravento — dirò solamente di uno degli ultimi scioperi occorso circa due anni or sono, e che durò — dovuto al buon senso dei principali interessati — cinque ore appena.

Nella fabbrica di mobili della vecchia firma «Zucco, Blumenschein e Comp.» esisteva un maestro alemanno, certo Ernesto Fabel, già krumiro nella boicottata «Marcenaria Modello».

Questo maestro era eccessivamente rigido; rigido come un... alemanno!... Nessuno operaio, per miacolo che fosse riu-

sciva a soddisfare il suo temperamento di militare.

Quando vi entri — circa tre anni or sono — in codesta fabbrica, da tre giorni appena vi era entrato anche un famoso «maestro» italiano-andatovi con l'idea pre-stabilita di sostituire quanto prima, il maestro tedesco; riuscendovi poi per vie diverse.

E doveroso dire che sotto il maestro tedesco vi furono degli operai che col lavoro a cottimo guadagnarono persino da 12 a 18 *mitreis* al giorno, benché il lavoro si eseguisse abbastanza male allora...

Un malcontento cominciò a manifestarsi contro il maestro tedesco, perchè non sapeva spiegarsi nell'ordinare i lavori, e perchè la sua rigidità aveva già rotto i... timpani agli operai, molti dei quali andavano via. Però, molti ne venivano (cosa che non è successo dopo col «maestro» italiano) malgrado vi fosse un rigido tedesco, giacché la fabbrica conosciuta allora, sotto il nome di «Casa Alemà» godeva buona fama di pagar bene e per settimana.

L'aspirante «maestro» italiano ed il suo degno tirapiedi non si davano per vinti. Cominciavano sempre in questo tono:

«Sapete; bisogna che noi ci decidiamo a far mandar via Fabel. E troppo canaglia; è un'asino...»

«Noi lasceremo di lavorare, andremo dal padrone e gli diremo; O fuori Fabel o perchè non serve sotto tutti i rapporti o fuori noi tutti!»

Ai quali rispondeva che, io ero solidale con loro contro tutte le canaglie, però, prima di dichiarare uno sciopero così a cascata, era necessario ponderare... Lo sciopero non è uno scherzo da ragazzi.

Volete fare lo sciopero per mandar via Fabel? Ebbene, pensate prima di tutto bisogna essere sicuri del malcontento generale...

Si scelgono poi tre o quattro dei migliori operai per andare dai padroni a notificargli la nostra decisione in riguardo al maestro.

Se accettano la nostra domanda si continua a lavorare. Caso contrario se, cioè, non mandano via il maestro o rispondono evasivamente, noi abbandoniamo il lavoro e non ritorneremo fino a tanto che non avremo ottenuto il nostro scopo... Sono di parere che per tale missione si scelgano Tizio, Caio e Sempronio, perchè li credo i migliori... operai di questa fabbrica.

I pusillanimità però (quelli che si mangiavano il tedesco a morsi quando non c'era) rispondevano; no, no! è meglio che vai e parli tu, che sai parlare; noi verremo in compagnia...

Ma no! io non sono il miglior operaio e persuadetevi che non è il caso di fare una discussione filosofica: basta esporre le ragioni che ci spingono a tal passo...

Insomma lo sciopero avvenne per la loro incoscienza nella forma più stupida di questo mondo, e quando fummo dinanzi ai padroni e al maestro, tutti quelli che volevano liquidarlo rimasero muti come pesci!...

Dopo cinque minuti di tremarelle cominciò per il primo, (perchè gli fu fatto obbligo previamente, essendo il più accanito) il futuro «maestro italiano» piagnucolando: Il Fabel è... un buono — amico — ma non sa spiegarsi nel lavoro.

Sicché, disse il padrone alemanno, solo per questo volete che si mandi via il maestro?

Io, dall'indignazione non potei più contenermi, avrei voluto gridare in faccia a quegli operai che erano dei vigliacchi, buoni solo di sbraitare quando nessuno dei padroni li udiva. Dovetti fare come succede agli anarchici, vittime più degli operai vigliacchi, che dei padroni briganti; assumere la parte di tutti e dire in faccia al maestro, che non si voleva solamente perchè non sapesse spiegarsi nei lavori, cosa del resto di nessuna importanza, ma perchè era una canaglia intrattabile, un militare che stava meglio al reggimento... e non in una officina di uomini liberi!

Il tedesco fu mandato via. Dopo pochi giorni quello che aspirava al posto di maestro, con fare ipocrita, per non dare tanto all'occhio, si assise al trono... e le canagliate e la camorra all'italiana cominciarono peggio di quelle alla tedesca.

Assunto il «potere» il «capo maestro» italiano formò un gruppetto di sostegno... composto di tre o quattro imbecilli, capitanato dal tirapiedi del «maestro»: un «picciotto» sparafucile che agli uni le prometteva e agli altri le voleva dare, solo perchè erano loro contrari per le continue feste di santi e feste di diavoli e contro lo sbercoamento di garafoni di vino ai poveri diavoli.

Venne l'onomastico del padrone e tanto si strisciarono ai suoi piedi... fino a ch'ebbero da ubbriacarsi come maiali... UNICO a rifiutarsi di prendere parte alla rosicchiatura dell'osso gettato dal principale fui io!

D'allora la lotta cominciò accanita!

Il «maestro» col suo tirapiedi sentirono il bisogno di disfarsi dell'odiato anarchico che ormai costituiva un ostacolo... alle loro canagliate. Tutti i mezzi i più disonesti furono messi in pratica contro di me pur di farmi di mandar via...

Una mattina pioveva a dirotto entrai al lavoro un'ora dopo. Eccoli il «maestro», perchè

non lo avevo degnato del «buon giorno» venirmi a dire che non potevo lavorare perchè era passata un'ora ed il padrone non permetteva più di cominciare alle ore 7 o il giorno dopo!

Avendo io capito che si trattava di un tranello, mi diressi dal principale per avere schiarimenti in proposito. Ebbi per risposta che delle disposizioni erano state impartite, ma non per me.

Dunque la ciambella sortì senza buco, per una volta almeno, contro l'odiato anarchico «guastateste» degli operai.

Ed io, vi rimasi a marcio dispetto di tutti i camorristi che ho visti ora mandar via dalla fabbrica per ragioni tutt'altro che onorevoli...

E siamo d'accordo!

Questa volta il mio Giuda è un povero demente che risponde al nome di Giuseppe Barbieri. Un imbecille incapace di compiere il suo dovere di operaio; possedendo tutti i requisiti del ruffiano. Servile col padrone e col maestro: prepotente con i compagni di lavoro!

Costretto di andarsene dalla fabbrica per il suo carognismo, anziché accordarsi coi compagni il sozzo che arrivò a offrire una donna (non sappiamo chi fosse) al nuovo «maestro» ha creduto bene andare in casa dal padrone per scaraventare sulle mie spalle tutta la responsabilità dell'odio cattivatosi dai compagni di lavoro per i suoi stessi modi villani.

Ah! vigliacchetto ruffiano! Tu sapevi assai bene che io fui contrario allo sciopero che si voleva dichiarare per rappresaglia contro di te, una settimana prima che tu scappasti via! perchè sono convinto, bastavano solo gli scaracchi per metterti giudizio...

Non ho provato nessuna soddisfazione che tu sia scappato. Anzi... Io, personalmente volevo divertirmi sempre col quelle belle segate...

Ti dirò dell'altro: sono indignato con i compagni dell'officina, che con il loro incoscienza atteggiamento fecero sì, che tu passassi per vittima dinanzi agli occhi del padrone; quando invece, sei un ruffiano bugiardo!

Il piano però ti è fallito e al tuo degno compare, «o maestro Antonio».

Ed ora a voi scioperomaniaci... Ricordatevi che lo sciopero non è un «pick nick». E' quando giusto e necessario, un'affermazione di coscienza e di dignità contro l'ingordigia capitalistica e la violenza autoritaria dello Stato.

Deve essere una affermazione rivoluzionaria contro la infame società borghese detentrica di tutti i mezzi di sussistenza.

Perciò io mi rammarico contro di voi che ad ogni piè sospinto volete lo sciopero e poi non avete neppure la franchezza e il coraggio civile di andare dal padrone e far sentire la vostra voce...

E non crediate che gli anarchici, perchè anarchici debbono essere gli eterni capri espiatori di tutti i vostri incoscienti solleticamenti.

Volete lo sciopero, senza neppure riconoscere il diritto di esprimere il nostro pensiero? Ebbene fatevelo! noi non saremo mai i krumiri, però non avete il diritto di pretendere che noi si vada a reclamar per voi incoscienti...

LUCIFERO

Rio, 134 1913

Da oltre 15 giorni continua lo sciopero della fabbrica di tessuti «Cometa» di Alto da Serra (Petropolis) per avere quei lavoratori domandato un aumento di salario per continuo ricaro dei generi di prima necessità, e perchè sono trattati come schiavi dai padroni. Orarilunghe paghe corte. I proprietari in compenso chiusero per tempo indeterminata lo stabilimento invitando gli operai a ricevere i loro rispettivi salari per non avvenuto accordo fra capitale e lavoro. Nonostante queste misure vendicative, i pochi lavoratori non cedono decisi a non usare violenza se non per difendere la propria vita. Ciò dimostra un'ammirevole solidarietà operaia. Viceversa la soldatesca sanguinaria sopprime la libertà di riunione, di parola e di propaganda dissolvendo comizi a colpi di baionetta, colpendo onesti operai che umilmente chiedono un po' più pane ed un trattamento più umano.

Questo movimento unanime e spontaneo ci consola e ci fa bene sperare delle energie rinnovatrici dei nostri fedeli compagni di lotta.

In quel presidio, saturo di miasmi l'aria, e nel quale centinaia di operai d'ambo i sessi debbono vivere e lavorare, intisichirsi e morire avanti tempo, deve trionfare la resistenza delle vittime.

L. Brendini

Opere di Pietro Gori

Sono arrivati 66 volumi delle opere di Pietro Gori. Si vendono al prezzo di 1\$000 il volume, fuori le spese postal.

Dirigere richieste presso il compagno:

F. GATTAI

Rua Amelia, 6 — S. Paolo.